

tensões que provoca o choque de padrões culturais de professores e alunos, abalando a própria estrutura da escola e o processo de socialização que ela deve realizar, porque obriga o aluno a substituir o tipo de vida característico da camada social de que provém por um estilo de vida característico de grupos sócio-econômicos mais privilegiados.

Neste trabalho de investigação é equacionado pelo A. um dos problemas considerados como o desafio do presente ao papel que a instituição escolar deve desempenhar. Embora não dispondo de meios mais eficazes para ampliar o processo socializador aos corpos docente e administrativo, a investigação mostrou a influência benéfica de atividades orientadas no sentido de recriar uma dinâmica adequada aos objetivos mais amplos da escola. A ênfase nestes meios dependeria sobretudo de um serviço de orientação educacional adequado. É para este ponto que converge a análise do último capítulo ao examinar as relações sociais no interior do estabelecimento de ensino. Conforme os dados apresentados nas tabelas que se encontram agrupadas no final do livro, o grande objetivo dos estudantes poderia ser sintetizado na "conquista de melhor posição na estrutura ocupacional" (p. 107).

Todavia, apesar dos esforços desenvolvidos durante o processo educativo são os estudantes em grande parte condenados à frustração das aspirações desenvolvidas no interior da escola, em decorrência das ambigüidades sócio-culturais que prevalecem durante este período de preparação quando do confronto com as exigências de uma sociedade em processo de transição. Divorciada da realidade sócio-econômica onde se acha incrustada, a escola cria assim condições adversas ao ajustamento do estudante à estrutura ocupacional de uma sociedade em mudança.

Partindo para formulações teóricas plenamente justificadas nas "Considerações Finais", o trabalho é pleno de sugestões, especialmente quando nos deixa uma questão das mais importantes e controvertidas, apresentada aqui com extrema lucidez: "Embora seja difícil, com os dados obtidos, precisar a responsabilidade da escola na eclosão desses fenômenos, não nos parece ir além dos fatos reconhecê-la como agência estimuladora desse processo. A partir desta proposição, cabe aqui interrogar até que ponto a escola está agravando esse processo, está colaborando para transformá-lo, por assim dizer, em "problemas psicossociais"; até que ponto ela tem consciência do papel que lhe cabe ante a emergência de tais fenômenos" (p. 118). — ALVARO GULLO.

TAVARES DE LIMA, ROSSINI — *O Folclore do Litoral Norte de São Paulo. Tomo I — Congadas* — Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1969. 120 pp., 4 fotografias.

A atuação do Professor Rossini Tavares de Lima dentro das realizações folclóricas do Brasil é por todos conhecida: o seu famigerado "Abecê do Folclore" (já na 4.ª Edição, pela Livraria Martins) constitui obra indispensável, verdadeiro "vademecum", para quantos se embrenham por esse campo da criação da cultura popular nacional. Outras obras da autoria deste folclorista enriquecem ainda mais sua credencial: *Folclore de São Paulo* e *Folguedos Populares do Brasil* são igualmente peças fundamentais na bibliografia do folclore brasileiro. Não bastassem estes trabalhos literários: a atuação constante do Prof. Rossini no Museu de Artes e Técnicas Populares, a promoção freqüente de Exposições e Feiras de Folclore, completam, de maneira prodigiosa, sua vida dedicada ao estudo de nossa cultura de "folk".

O Folclore do Litoral Norte de São Paulo é o resultado de uma pesquisa de campo realizada pela Comissão Paulista de Folclore, sob a Coordenação do referido folclorista, cujo plano geral fôra aprovado pela Comissão Nacional de Folclore, do IBECC. O plano inicial constava de um levantamento exaustivo do folclore de São Sebastião, Ilha Bela, Caraguatatuba e Ubatuba, comportando inves-

tigação dos seguintes temas: danças e folguedos (fandango, chiba, caiapó, congada, bozinho, folia de rels, folia do Divino); secundariamente, far-se-ia também o levantamento da cerâmica utilitária e figurativa e dos diferentes tipos de trançados, além do histórico dos fatos investigados, música vocal e instrumental com os ritmos específicos, indumentária de dançadores, figurados de dança, instrumentos musicais, e ainda a técnica da factura de figurinhas, potes, panelas e cuscuzeiros e dos mencionados trançados. (15)

Este I.º Tomo, relativo ao folclore do litoral Norte paulista, é dedicado exclusivamente ao estudo das Congadas, sendo que na Introdução o Autor apresenta 12 conclusões relativas aos outros temas constantes no plano inicial da pesquisa. Constatou-se, por exemplo, que certos folguedos deixaram de ser representados, ou então, sofreram transformações significativas: a "Dança do Bol" (também chamada de "O Bol" ou "Bolzinho"), por exemplo, é apenas lembrada pelos habitantes litorâneos, tendo mesmo se transformado numa simples brincadeira de carnaval; "Os Rels", mais raramente chamado de "Folia de Rels", é outro exemplo: perdida a antiga simbologia, transformou-se num grupo de se-resteiros, meio de reunir amigos, para passar a noite a bebericar e cantar temas dos grupos tradicionais. Já não é folguedo popular, porque não possui a estrutura fixa e mais ou menos permanente que caracteriza essa expressão do folclore brasileiro... (p. 21). Se por um lado verificou-se a existência de apenas uma artesã popular de cerâmica em S. Francisco, por outro, o artesanato dos trançados floresce exuberante em muitas famílias caiçaras, satisfazendo à crescente demanda dos intermediários que manipulam o "comércio dos turistas" de Ilha Bela, S. Sebastião e Ubatuba.

Para o estudo das Congadas, foram selecionados dois locais: o bairro de S. Francisco, no município de S. Sebastião, e o bairro de Caputera, na cidade de Caraguatatuba. Segundo o Autor, a Congada de S. Francisco é, presentemente e por todos os títulos, a mais importante congada do Estado de S. Paulo, e talvez do território nacional, sendo a de Caraguatatuba um pouco mais pobre que a anterior.

Enfrentando um sem número de dificuldades tanto de ordem material como humana — aliás, inerentes as primeiras a todo trabalho científico em nosso mundo subdesenvolvido, e as segundas, à maioria das pesquisas das ciências sociais — a equipe coordenada pelo Prof. Rossini (composta ao todo de 9 ilustres folcloristas, entre pesquisadores, folcmusicistas, e pessoal técnico em fotografia, cinegrafia e gravação), conseguiu depois de 3 meses de trabalho de campo fazer a coleta integral dos textos e movimentos das Congadas destas duas localidades litorâneas. Lançando mão dos recursos de documentação sonoros e visuais, a equipe entregou à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro um rico material etnográfico, representado pelas fotografias, filmes e rolos de gravação dos folguedos folclóricos estudados.

A exposição do texto da Congada de S. Francisco, mais cuidada que a subsequente, vai da página 32 a 58, e é entremeada de esclarecimentos e ricas explicações que permitem ao leitor, sem maiores dificuldades, vislumbrar todo o desenrolar desta dança do Rei do Congo. Os passos e variantes, acompanhados ao som dos 3 "tambiques" (atabaques), e de uma marimba, são cuidadosamente delineados através de uma série de convenções, de modo que podemos reconstruir "pari-passu" o movimento rítmico do Rei do Congo, do Cacique, do Secretário, do Príncipe, as voltas e rodas dos Congos, do Guia, do Embaixador, do Contra-Guia, etc. O registro musical dos "toques", dos "repliques", dos coros e acompanhamentos completam o quadro do material colhido e exposto pelos folcmusicistas da equipe de pesquisadores.

Como conclusão a respeito das Congadas, diz o Relator desse trabalho:

"As Congadas do litoral norte quase se resumem na "embaixada", que ainda guarda no seu transcurso palavras de origem africana, já bastante deturpadas,

e pouco ou nada têm a ver com Carlos Magno e os Doze Pares de França. Elas historiam o ataque dos Congos, dirigidos pelo Embaixador aos Fidalgos, que possuem seu Rei, chamado Rei do Congo, quando estes vão realizar a festa de S. Benedito, e a vitória destes sobre aqueles. O desfile constitui-se apenas da movimentação deles até o lugar onde será realizada a embaixada. Nas partes essenciais do assunto, tanto as Congadas de S. Francisco como a de Caraguatatuba, são semelhantes aos Congos do Norte e Nordeste, cortejo real, a que se segue uma embaixada de guerra, com episódios de combates, segundo Oneyda Alvarenga" (p. 21).

Apenas uma passagem do texto da Congada de S. Francisco: O secretário, a bater com a mão direita do punho da espada, canta:

"Soberano meu Rei do Congo
 É chegado o dia e a própria ocasião
 Para louvar a S. Benedito
 Nós todos com a devoção.
 Para ver assim se assim Pai Nosso
 Conserve dos pecado verdadeiro".

A nosso ver, apesar da real contribuição que oferece esta obra para o conhecimento deste segmento de nossa cultura popular que se rareia cada vez mais, (o livro é um registro etnográfico de inegável valor), não obstante, *O Folclore do Litoral Norte de S. Paulo* poderia ter oferecido aos leitores mais exigentes, não o mero registro deste folguedo de antanho, mas poderia ter fornecido mais dados ou fontes para quantos desejassem se aprofundar na compreensão integral dos componentes sócio-culturais desta festa popular. As tentativas de interpretar este folguedo contidas na Obra, além de débeis, estão longe da seriedade exigida por uma análise sociológica em profundidade que os fatos sugerem: "... Elas (as congadas), no Litoral Norte, têm a função de arregimentar filhos da terra, que se acham em situação inferior na coletividade, social e economicamente falando, e que nelas encontram o motivo para se projetar, face a elementos de fora, que passaram a exercer o domínio na mesma coletividade. Recordando tradições, seus componentes dão vazão aos recalques de ordem social" (p. 21).

Não estamos exigindo destes ilustres folcloristas que façam sociologia do folclore: o que reputamos como fundamental é que a coleta folclórica favoreça o maior número de subsídios para possíveis análises em profundidade por parte de antropólogos e sociólogos. Assim, por exemplo, se o texto destas duas congadas tivesse sido exposto em forma sinóptica, lado a lado, as variações, adendas e omissões encontradas possibilitariam muito mais facilmente uma confrontação do texto, passo imprescindível para uma abordagem sincrônica e mesmo diacrônica deste fenômeno lúdico.

Ao longo das páginas dedicadas à "ambientação" das Congadas no Litoral Norte, são citados várias vezes os nomes de peritos em folclore: Guerra Peixe, Oneyda Alvarenga, R. T. de Lima, e no entanto, não se mencionou uma vez sequer a referência dos livros destes autores. Falta a esta obra um sério levantamento bibliográfico sobre o assunto, o que lhe teria permitido maior campo de difusão, principalmente no meio das ciências que refletem e interpretam comparativamente os fatos sociais.

Não obstante as críticas apontadas, tal obra se impõe como um importante registro deste folguedo tradicional registrado num momento histórico no qual percebemos a presença das forças desintegradoras da sociedade urbano-industrial.

Logo no início da Congada, dizia o Rei a seu Secretário:

"É verdade, Secretário,
Que eu estava tão esquecido
De louvar a S. Benedito,
Um santo tão esclarecido.
Hoje eu sei que tenho
Vassalos obediente,
Para melhor desta festa
Convida tôda esta gente..."

Finalizamos repetindo que esta Obra pode oferecer rico material para interpretações sócio-antropológicas não só das Congadas, enquanto fenômeno lúdico-social, mas especialmente num nível diacrônico, interpretações a respeito da evolução e significado das manifestações folclóricas nas sociedades rurais do Brasil que dia a dia sofrem mais influências do mundo citadino. É dentro desta perspectiva que recomendamos aos leitores mais esta obra de Rossini Tavares de Lima. — LUIZ MOTT.

Catálogo de obras raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade. São Paulo, Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, P.M. S.P., 1969. viii, 537 pp.

Publica-se pela primeira vez um catálogo, embora parcial das obras existentes na Biblioteca Municipal de São Paulo. Até hoje pouca coisa tem sido feita neste sentido por nossas bibliotecas. Um dos motivos é a falta de pessoal habilitado para assim fazê-lo e um outro a crônica falta de verbas adequadas.

Também aqui temos uma simples relação sem comentários das obras existentes nos fichários da Seção de Obras Raras da Biblioteca Municipal de São Paulo.

Os livros são separados por séculos e dentro destes em ordem alfabética. No final da obra temos dois índices: um onomástico e um de títulos, que melhor teria sido chamado das obras anônimas, embora não entendamos a necessidade deste, feito desta maneira, pois nem tôdas as obras anônimas vêm relacionadas e muito menos todos os títulos das obras catalogadas.

O século XV abrange apenas 9 obras, incluindo-se aí uma edição fac-similar, quando seria preferível uma entrada remissiva no local e sua indicação no ano de publicação (n.º 9). Qual a razão então de a Bíblia Latina de Joh. Gutenberg, cuja edição fac-similar a Biblioteca Municipal possui, se encontrar entre as obras do século XX (n.º 3081)?

No século XVI vêm relacionadas 144 obras. Encontramos diversas obras raras e interessantes para a história do descobrimento da América e o início da colonização e penetração do território brasileiro e sul-americano. Assim, temos obras de Benzoní (24 a 27), Bordone (31-32), Grynaeus (70), Hakluit (75), Lery (89-A-B), López de Gomara (94), Schmidel (133), Staden (135-A-B), etc., etc.

Continua no fichário também a obra intitulada "Terra C. [sic, o certo é S.] Crucis..." com a indicação do ano de 1502, quando o sr. T. O. Marcondes de Souza, em seus estudos *Uma suposta raridade bibliográfica sobre o Brasil* já a havia declarado como uma fraude grosseira que "nada mais é do que o aproveitamento de algumas páginas de uma edição latina da citada crônica de Osório". (In: *Algumas achegas à história dos descobrimentos marítimos*, São Paulo, 1958, pp. 7-23, 2 ests.) e que data de 1576.